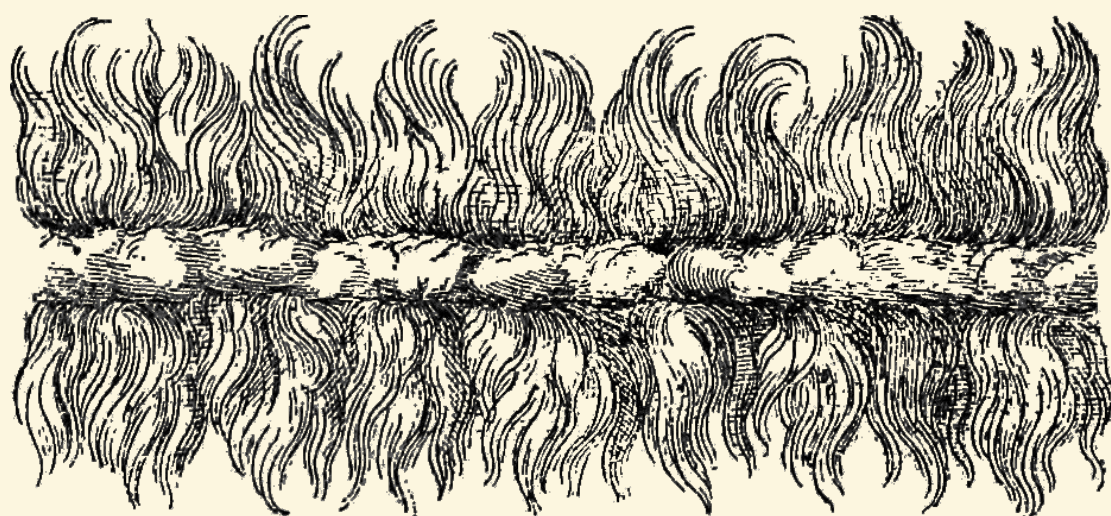


NOVO CANCIONEIRO DA PAISAGEM

Textos de Pedro Vistas, Luís Seabra, João Brás e Luís Costa

Título: Novo cancioneiro da paisagem
Autores: Pedro Vistas, Luís Seabra, João Brás e Luís Costa
Desenho gráfico: Luís Costa
Edição: Edições Nodar | nodar.018

Produzido em formato digital, Julho 2018

Edições Nodar é uma marca editorial de:
Binaural – Associação Cultural de Nodar
Rua do Seixo, nº 5
3670-280 Vouzela
Tel. +351 232 723 160
Email: info@binauralmedia.org
Web: www.binauralmedia.org

Introdução

LUÍS COSTA

Novo Cancioneiro da Paisagem nasceu nos dias subsequentes àquele fatídico dia 15 de Outubro de 2017 em que a floresta da região de Lafões, nomeadamente a dos concelhos de Vouzela e Oliveira de Frades, ardeu quase completamente; um dia que foi um dos mais tristes para a região de que tenho memória. No entanto e paradoxalmente, o mais grave para mim não foi tanto a extensão do próprio desastre, outrossim a forma como se pensou e reagiu ao próprio desastre, sem sequer se questionar o que esteve subjacente de banalização gradual da própria vida, algo que tem sido particularmente evidente nas últimas décadas no mundo rural.

Onde antes, nessa cosmovisão rural, havia contenção, modéstia, paciência e perseverança silenciosa, há agora uma assustadora bipolaridade entre abandono e excesso, sendo que ambos são produto da rarefação moral em curso. E essa rarefação moral é tão evidente nas pequenas mentes que não se ligam emocionalmente às suas raízes (mesmo sendo, por exemplo, proprietários fundiários de terrenos abandonados), como nos pequenos espertos que não têm pejo em, por exemplo, plantar eucaliptos em terrenos que foram outrora leiras de monte cultivadas (claro, se o vizinho o fez, por que não posso eu fazê-lo?). Atentem bem: leiras, ou seja campos que antigamente eram cultivados, com cereais de sequeiro por exemplo, enquanto se deixava o gado no monte, aproveitando cada passo encosta acima e cada espera para que o gado comesse para ajudar a gerar mais umas migalhas para o sustento. Vejam como tudo desapareceu em poucas décadas. Nem leiras do monte, nem campos na própria aldeia: o supermercado dá tudo já pré-mastigado, o carro leva a família ao churrasco à beira da estrada, os miúdos até gostam de brincar com o

isqueiro do pai e o primo que veio de férias da Suíça acelera o seu Alfa Romeo vermelho de fogo pelas serranias de agosto acima, largando faíscas por todo o lado.

A somar a estas marcas desesperadas cravadas quotidianamente na paisagem, ainda tivemos, naqueles dias, que ser brindados com a usurpação da dor feita por televisões, fotógrafos, governantes, autarcas, etc., numa gigantesca orgia de sentimentos percebidos rapidamente como efémeros. Quem verdadeiramente sofreu merecia melhor sorte, mas do destino deste país é difícil escapar.

Curiosamente, naqueles mesmos dias e semanas, dei-me conta de que uma constelação empática se formava à minha volta: algumas mentes que ousavam, apegados à raiz mais profunda, pensar fora do cânone relativista atual, tornaram-se em poucas semanas cúmplices de reflexões e ironias: Pedro Vistas, Luís Seabra e João Brás. Senti esta coincidência temporal como não casuística e uma merecedora de ser agarrada com unhas e dentes. Nasceu assim um improvável quarteto de cavaleiros do pessimismo realista, um formado pelos três acima nomeados e por mim próprio, o qual se dispôs a invocar histórias antigas feitas reflexões atuais para, subsequentemente à dor negra das cinzas, propiciar, quem sabe, o voo de uma nova Fénix renascida.

A Pedro Vistas, Luís Seabra e João Brás, o meu abraço de gratidão e admiração.

Luís Costa
Fataunços (Vouzela), Julho 2018

Prova de fogo: da cinerária aporia à purificação

PEDRO VISTAS

Que farei quando tudo arde?
Sá de Miranda

Mas veja cada um como edifica, pois ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo. Se alguém, sobre este alicerce, edifica com ouro, prata, pedras preciosas, madeiras, feno ou palha, a sua obra ficará em evidência; o Dia do Senhor a tornará conhecida, pois ele manifesta-se pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída resistir, o construtor receberá a recompensa; mas, se a obra de alguém se queimar, perdê-la-á; ele, porém, será salvo, como se atravessasse o fogo.
1 Cor, 3 10-15.

Resta, depois da vida combusta, a indistinção de cinzas estendidas a todos os amanhãs? É ainda possível supor passos futurantes na intangível paisagem adusta, depois de todos os gestos chamejados? Como, a substância adejante do canto dos pássaros ante a consumpção de todos os possíveis, qual o segredo dos prados virentes frente ao solo tisnado, feito soalho do nada em orbe, carbonizadas as brisas que alentam o olhar além do visível? Onde, a saída da memória incendida, fogueira dos inesquecíveis em holocausto?

Conhecer algo é desde logo comungar da sua essência, queimar o que reste de divisionismo entre sujeito e objecto e renascer unificado, em *connaisance*, em renascimento com isso que se conhece por já sê-lo. Não é o conhecimento mental, da *mens*, que

mensura, nem o racional, da *ratio*, que raciona, mas o da intuição intelectual, o do *intellectus* que colhe o que seja dentro, disso participando em atómica intimidade, não num regime mediato mas em fulmínea imediatez. Queimemos pois o conhecimento científico para conhecermos o que seja o fogo. Prescindamos da físico-química para rumar a um conhecimento mais radical, o do símbolo, num transporte do químico-científico ao alquímico da *ars regia*, da psicologia profunda que dá conta da flâmula da ψυχή. Só o símbolo diz a essência das coisas, constituinte da língua antiga, do verbo dos anjos que guardam o nome do que comum e equivocamente julgamos conhecer sob o nome de homem. Só o símbolo nasce da relação íntima e mistérica entre o significante e o significado, e pedagogicamente a ela conduz, respeitando a possibilidade potencial e actual de cada um. Assim, o símbolo religa o individual ao universal, unindo cada um à Unidade que, composta de indissolúveis diferenças, se reconhece como maior do que a soma das partes. Depois da abordagem simbólica, necessariamente multidimensional e polissémica, nada se deverá concluir sob risco de lesar a pulsão viva do símbolo que está além das irredutibilidades apofânticas da razão. O conhecimento simbólico é empático, requer que o homem encontre espaço interior, se torne ressonante, se torne, mais do que interrogante, resposta viva, símbolo.

O homem teria, pois, de se fazer fogo essencial para conhecer a essência do fogo. Todavia, se apreciado sob lente simbólica, o homem é já essencialmente fogo. Com o mister de predicar as criaturas terrestres, Epimeteu esgota todos os recursos, ficando sem atribuições restantes para o homem. Socorre-o Prometeu, o avisado, que para o efeito, à falta de possibilidades mundanais, furta o fogo divino da forja de Hefesto e com ele ateia o lume da consciência ao homem, assim o divinizando. Pela ὕβρις de conceder aos mortais o que é de natureza imortal, infinitizando o finito, é por Zeus o titã condenado a um suplício perpétuo. Quanto ao homem, ficou em irresolúvel aporia, entre o plano terrestre e o plano celeste, ser bifronte, de duas naturezas, uma animal, outra divina. Porque o fogo divino da consciência não resume a natureza toda do homem, passou a requerer gestão, sabedoria. Todavia, justamente pela natureza intermédia do humano, o atingimento da sabedoria, da gestão desse fogo, faz-se sobretudo por aproximação, donde a filosofia, que é a arte de bem gerir o fogo em ordem a dele aproveitar o calor e a luz sem queimaduras, na devida consciência da consciência que é, afinal, um processo de divinização. Mas tal há-de fazer-se sem excitar muito o lume, no que poderia resultar numa hipertrofia reflexiva, em doença de pensar, como lembra o poeta quando avisa que "pensar é estar doente dos olhos". Portanto, o homem é fogo, e tanto se pode queimar quanto alumiar com isso que é. Isso que é, porém, defende-se de identificações retentivas de jaez científico, quer porque nunca se fixa numa só forma, quer porque se escusa a aproximações invasivas, ameaçando destruir com cautério a mão que o tente tomar. O homem é fogo mas o fogo não é homem e resiste a ser conhecido.

O que é então o fogo? É possível, ou mesmo desejável a ultrapassagem do índice simbólico do fogo infernal, supliciante, destruidor, sufocante de densos fumos? Se a árvore se conhece pelos seus frutos, não é a consequência última o veículo privilegiadamente dedutivo para encontrar a causa, a identidade? O fogo queima, destrói, porque é mudança. Metáfora dilecta da impermanência, o fogo é em si mesmo mudança, é tal a sua condição e efeito próximo. Transforma porque é, em si, transformação, donde, também, o ser tão aparentado o homem ao fogo pois também aquele é um vir-a-ser transiente. A única coisa que na vida não muda é a mudança, como professa Dōgen; destarte, paradoxalmente, o

fogo descobre-se como o substante primário, assim também na cosmologia de Heraclito enquanto agente de transmutação (similmente presente nos Puranas ou no Apocalipse). É nesse fundamento perene, ainda que de mutacionais manifestações, que se pensa ao simbolizar o amor ou a colérica paixão, por analogia. Porque se o amor é como o fogo pelo carácter expansivo, dilatador, calorífero, é-o igualmente pela destruição possível e pela possível transformação que concede. O amor pode ser um fogo de Santelmo, um fogo fátuo, mas então não é amor, mas então não é fogo. O fogo alia-se à líbido enquanto potência geratriz porque como ela é uma potência de vida, ainda que para tal, ambos convoquem uma morte intermediária. Ardente é Kundalini que serpenteia até ao lume da consciência, denotando a origem do fogo por fricção/percussão, coligando-se aos ritmos de uma erotosofia secreta mas necessariamente vivida.

O fogo ascende aos céus como se reconhecendo a sua filiação celeste, tal como a água se despenha na terra à qual intimamente pertence. Assim se entende que o fogo, iconoclasia dinâmica, seja a menos infiel representação de Deus, ou a sua mais fiel sugestão. A sua figuração negativa não é denotativa de um relativismo como o que hoje deflagra por todo o orbe, antes da efectiva diferença que não trai a unidade identitária de isso que é figurativamente inexacto ser exactamente fogo. Deus-amor é também Deus-fogo. Com efeito, através de raras teofanias, Deus manifesta-se como ígneo na Sarça-ardente, outrossim nas Línguas de Fogo do Pentecostes, mas desde logo os cultos solares e pirolátricos dão conta do carácter vital do fogo. Sem o fogo do Sol morremos, porém a proximidade excessiva aniquila igualmente. O fogo ensina-nos, assim, o nada em excesso grego, a justa medida, o equilíbrio. A vida humana bascula entre o gelo e o fogo e dispomo-nos permanentemente, numa progressiva mas jamais satisfeita aproximação a um ponto médio ideal, num trânsito que é, afinal, analógico da mais própria condição humana. De modo semelhante, o nosso sistema planetário gira em torno do fogo central, num ritual que dá conta da nossa consciência solar.

Nos rituais de natureza agrícola, o fogo cumpre uma alquimia de passagem, fecundadora. Mas o que é no microcosmos um ritual de purificação, é-o ainda no macrocosmos das grandes catástrofes, tais os incêndios? Decerto deverá ser atendida a correspondência entre dimensões, como demandada na Tábua Esmeraldina. As paixões igníferas, tais as de Heróstrato ou Nero, não seriam também de deitar lume ao que houvesse de arder em si mesmos?

O fogo serve a ascese e a purificação. O fogo do atanor, símbolo do homem e do cosmos, permite forjar a imortalidade. Aqui o fogo purifica de modo não queimante, em ablução, em fogo húmido, tal o que a salamandra simboliza. Por outro lado, na espagíria, o método seco é, conquanto o mais perigoso, o mais rápido, compreendendo uma exposição directa ao fogo. Sem o fogo a matéria não é trabalhável e o *Mercúrio Filosófico* resta um sonho apenas. Mas o filósofo hermético distingue entre vários fogos e escolhe o interno. O fogo filosófico lava a matéria e purifica o Mercúrio, requerendo conhecer as várias sortes igníferas, o fogo ctónico, o fogo uraniano, o fogo interior, o fogo externo, são fogos distintos. Sendo certo que na Alquimia se recomenda o uso de fogos progressivamente fortificados para evitar choques abrasivos, importará não esquecer que é Deus o derradeiro alquimista e que estamos no mundo para servirmos de acendalha na queima do inessencial, certos de que unidos (os metais disjuntos) seremos a verdade incindível do *lapis*

philosophorum. Importa ainda, neste âmbito, notar que o fogo interno sofre activação pela acção do fogo exterior.

Como a simbologia, a etimologia concede acessos privilegiados ao que permaneça velado à pesquisa científica. Etimologia quer dizer o estudo do verdadeiro. Interessante é a relação possível entre *purus*, limpo, casto, sem mistura, e πῦρ, fogo (detraída por etimologistas recentes como Pierre Chantraine). Do mesmo modo, purgo é derivado de *purus* e este de πῦρ, segundo Ernout e Meillet. De acordo com Isidoro de Sevilha, ainda de *puritas*, pureza, decorre *puer*, criança. Assim, a pureza, substância da infância, liga-se ao fogo, até porque este dispõe ao silêncio de que o *infans* (aquele que ainda não fala), é incarnação cabal. Mas o silêncio do fogo é um silêncio depois do verbo, incitante, assim, da intuição intelectual, do conhecimento intuitivo enquanto fogo do *yôga*, pois Brahma é idêntico a um incêndio segundo a lição de Bhagavad Guitá. Assumindo o dito, o fogo entende-se como purificador e regenerador.

O baptismo pelo fogo é selo reconhecível de bênção divina, de morte necessária para uma provecta ressurreição. Por isso traz Cristo o fogo para incendiar a terra, para o queimamento do inessencial no humano cosmos, visando o pós-incêndio, a *Pax* depois de todos os fogos, o apagamento último, não-combustível, também declarado pela palavra *Nirvana*.

O homem é fogo. O fogo não é homem.
Depois do fogo o homem é mais homem porque mais fogo.
O homem é fogo humanado.
Depois do homem o fogo não será fogo, jamais.
O fogo não é homem mas um dia virá a sê-lo, pois tudo evolui.
Um dia todos viremos a ser um, humanamente, em chamas.
O homem enfrenta o fogo para se descobrir fogo.
No incêndio da vida se consome a aporia.
Só o amor é porético.

A Luz e o Fogo:
Tríptico: canto, meditação e aforismos

LUÍS SEABRA

Este mundo, igual para todos, nenhum dos Deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida.
Heráclito

I

Despido de seus véus, na noite mais escura, o rosto do fogo não arde senão em ti, máscara esculpida em lágrima óssea, feita sangue e promessa de Luz na mais remota lembrança dos deuses. Despojo de si mesmo, na noite mais clara, o fogo do rosto não arde senão em si, despedida da máscara à sua memória, feita luz e promessa de sangue, no mais próximo olvido dos homens.

Cansada de fingir incêndios mortais, a mão rompeu o feitiço dos espelhos, e tornou-se idêntica à sua mais ínvia mentira, carne fugindo do suplício da chama, chama chamando a redenção das cinzas, absolutos desenganos do Tempo e da Morte.

Cansada de fugir às leis imortais, a mente entregou-se ao suplício das fogueiras, e tornou-se idêntica à sua mais pura verdade, carne aceitando a ordalia da carne, ar soprado por bocas sem origem, lápides ardentes de um inomável sepulcro.

Nem vi em ti, Fogo, o amante imortal, nem viste em mim, Luz, a eterna amada : nenhum de nós no outro viu sua verdade. Pois desta somos a desdobrada cegueira, em olhos de outros feita palavra. Nem vi em mim, Luz, a razão do meu silêncio, nem viste em ti, Fogo, o murmúrio da tua loucura: nenhum de nos viu-se a si mesmo na sua mentira. Pois desta somos a recobrada visão, em lábios de outro feita paisagem.

Quando as sombras do passado decepavam nos céus cabeças de serpentes sem origem, os dois astros da loucura, lua e sol, arco e coroa, fim e começo, orgulho e demência, dividiam seus espectros no temor do instante proibido. E o outro Fogo que sonhavas, em que tempo e eternidade estariam reunidos, mais uma vez fugia do teu abdicado canto.

Quando arderam os bosques, tu sonhavas, Fogo, que eu me desvelava a ti na mais intima solidão da tua essência, e, eu Luz, que tu fugias de ti mesmo na terra que ardia a meus pés, demência derramada na adusta promessa dos desertos. Ambos dormíamos todavia. No desassossego dos homens, sombras nasciam e morriam, e nenhum Fénix brilhava no horizonte, nem mesmo indícios fugazes de asas soçobravam no perpassar do vento.

E entre nós, no desabar das horas, para além do tempo, a perpétua fadiga dos campos lastrados pela ferida dos clarões repetia seu canto mudo e terrível. E a terra ardia de tanto saber-se filha desse pavoroso encanto. Nem mesmo os homens que ao longe, resistiam à tentação do terror, sabiam qual palavra proferir, qual deus ignoto invocar para que cessasse o nosso fatal enlace.

O perigo nasceu desse fascínio. Eu já me tinha convertido na mais impura sonolência de mim mesmo, vertigem do reflexo que da luz só espelha a mentira, sendo a mentira da luz fulgindo no lago da sua ausência. Tu, castelo de ouro e ameias de cinza, nem sequer da tua própria sombra reconhecias a presença. Eras enfim o que nunca foste : a ilusão do mundo revelada a si mesma e sepultada no leito da sua memoria. Ambos ardíamos, e ambos dormíamos. E ambos queimávamos a evidência do nosso desencontro.

Pois Luz e Fogo, vida e morte, substância feita carne e carne feita substância, mistério da incarnação e incarnação do mistério jamais poderão unir-se sem desunir-se, enlaçar-se sem desenlaçar-se, beijar-se sem repudiar o blasfemo desesperado do seu sempre profanado beijo.

II

Esta breve meditação servirá apenas para recordar uma evidência: se não procedem duma origem anterior a eles mesmos, os símbolos não são senão signos, errâncias contingentes da inscrição, despojos de uma luz demasiado humana que nunca soube deixar vir à luz a fonte divina que a ilumina através da própria penumbra do seu encobrimento. Todo questionamento sobre o símbolo do fogo deverá por isso deixar brilhar em si algo que escape precisamente à sua definição enquanto símbolo, e um « impensado » como dizia Heidegger que faça vir à luz do pensamento aquilo que o pensamento nunca estará disposto a pensar se não lhe seja feita a violência de pensar além do próprio pensamento, exigência mortífera, ordalia talvez, e sacrifício, seguramente.

O homem, como se sabe civilizou-se através do fogo. A própria etimologia da palavra remete-nos para o *focus*, o lugar, o espaço onde se pode criar as condições para que seja claramente separado a humanidade do homem do animal que vive dentro e fora dela, perpétua ameaça. A água que bebemos, o ar que respiramos, a terra que pisamos são domínios alheios ao nosso domínio, de que beneficiamos, como qualquer outro animal, sem outro esforço que os encontrar no nosso caminho. O fogo que nos aquece, esse,

necessita ser criado por nosso engenho. Acender um fogo, fazer arder lenha numa lareira, cuidando que as chamas não se alastrem ao lar que o acolhe, é uma tarefa de todo em todo humana, e que propriamente distingue o homem enquanto homem, definindo propriamente o seu território, o território precisamente da sua *humanitas*.

Mitologicamente todavia, nomeadamente através da figura de Prometeu, o fogo não se manifesta unicamente como o elemento que ao ser domesticado aparta o homem da besta : o fogo é também antes de tudo, no devir da humanidade, um elemento de transgressão em relação à ordem fixa e imutável das coisas imposta pelos deuses. Como apontava Bachelard, na sua psicanálise do fogo, um dos desígnios simbólicos fundamentais do fogo é de ser dos quatro elementos, aquele que não se pode tocar, aquele que foge à mão do homem e que só pode ser sentido numa relativa distância, manuseado com temorosa perícia. Se o fogo arde, se o fogo é intocável, é justamente porque os deuses não quiseram que o ele fosse uma ferramenta, talvez a ferramenta das ferramentas do *homo faber*, mas o rasto terrível da submissão do homem ao ser poder absoluto. Antes de ser domesticado, o fogo aparecia na vida dos homens como a manifestação da cólera divina, a cólera de Zeus, de Thor ou de Jeová. Aparecia para destruir, e logo desaparecia. O preço a pagar por essa inversão do valor do fogo, por essa humanização do mais inumano dos elementos, não o pagou somente o Titã Prometeu, mas de certa forma a humanidade toda, ao sofrer a maldição de Pandora. A humanidade pagou-o, segunda uma expressão que afeiçoa Cioran, *ao cair na História*.

Ao acolher o elemento proibido, o homem separou o inseparado, instituiu a própria divisão entre um fogo que aquece e um fogo que arde, um fogo benéfico e um fogo maléfico, fez entrar a dualidade na mais pura emanação da unidade divina. Pois o fogo mais puro não é aquele que assegura no conforto do lar a permanência da luz no seio das trevas. Esse fogo antropomórfico é um fruto proibido dum furto, é num sentido mais absoluto, uma profanação, uma *pro-fanatio*, ou seja um sacrilégio, uma impiedade, trazendo consigo a ameaça duma inversão titanesca da ordem natural das coisas, fazendo do homem um aliado dos titãs, e um indesejado dos deuses.

Essa dimensão de transgressão não deixa de estar associada a outra característica do fogo visível na figura do deus Hefesto: a sua dimensão de artifício. Na mitologia grega, Hefesto não é somente o *deus do fogo*, mas também o deus dos metais: do ferro, do bronze, da prata, do ouro, de todas as matérias fusíveis. Quer sejam as armas da Aquiles, o ceptro de Agamemnon ou a coroa de Ariana, tudo o que sai das forjas de Hefesto (ou Vulcão, na sua versão latina) é fruto dum industrioso labor concebido nas entranhas da lôbrega gruta onde esse deus hediondo e hirsuto vive e trabalha, num desses estados de severo isolamento que faz desse deus uma metáfora da solidão do próprio artista ou do poeta-demiurgo. Não deixa de ser curioso notar a sua rivalidade com Arès de que se vinga quando lhe surpreende em adultério enlace com sua amada Afrodite.

Esse antagonismo do fogo com a guerra, ou seja da guerra com sua própria condição tem que ser pensado, no seu mais íntimo significado simbólico, como a própria oposição da arma e do soldado que a manuseia, e mais profundamente como a antinomia essencial que reside dentro de cada homem entre o ser que cria e o ser que age, o criador e o homem de ação. A História é o palco ingrato dessa injustiça que vê o segundo fruir

desavergonhadamente das obras do primeiro. A Hefesto, deus artista não é dada a sedução das aparências.

Como o elemento que representa é um deus que não pode seduzir senão pelas suas obras. Assim é o fogo interior do artista, que nesta época demente e sem luz, como em todas, está condenado a errar nas floresta dum perpétuo alheamento.

Face às luzes fictícias dessa falácia chamada história, o fogo incarna essa chispa de eternidade errante, força pura, transhistórica que é ao mesmo tempo a condição da história e a sua condena, o castigo e o desterro do homem que ao querer ter conquistado sua liberdade fabricou as chaves da sua perpétua alienação como sujeito condenando a viver num mundo invertido, destinalmente apartado da ordem divina. Resta a esperança duma grande obra que um dia transmute em pura presencia a inquieta impermanência do mais humano, demasiado humano, dos elementos: se existir tal obra, porventura inconcebível, será certamente a mais imperecível marca do retorno dos deuses.

III

Tudo pode arder, menos o próprio fogo.
Tudo deve arder, até o próprio fogo.
Da união da luz, alma do fogo, e do fogo corpo da luz, nasce um sopro sem nome, deus ignoto que arde e não arde.
Nascer é descer da luz imortal ao fogo mortal. Morrer é subir da luz mortal ao fogo imortal.
Ar, terra e água são os sorrisos irrisórios do severo rosto do Fogo.
O Fogo é a máscara errante da Luz sem rosto, espelho da imortal loucura.
Poucos homens sabem ler na dança do fogo o símbolo frio da loucura que a anima.
E vedado aos hipócritas o conhecimento do fogo.
E vedado aos cínicos a orgia das cinzas.
E vedada ao fogo a sabedoria dos espelhos.
E vedada à luz a demência da verdade.
Nada pode viver sem a ferida do fogo
Nada pode morrer sem a lembrança da luz.
Nada vive, tudo é fogo sem origem.
Nada morre, tudo é passo sem caminho.
O fim é a ilusão da origem revelada a si mesma.
A origem é a verdade do fim indesvelável a si mesma.
A vida é o fogo feito espelho da sua mortal mentira.
A morte é a luz feita rosto da sua impiedosa verdade.
Nada nasce nem morre, tudo é pó agitado pelo vento da desmemória.

O essencial não se aprende nos livros

JOÃO BRÁS

Num dos livros mais poderosos do século XX, *Os Contos de Kolyma*, o seu autor, Chalamov, está no Gulag soviético. Tudo perdeu, tudo viu destruído, mas não se vai matar. Conta-nos:

Faminto e irritado, eu sabia que nada no mundo me faria cometer suicídio. Foi bem nessa época que compreendi a essência do grandioso instinto de sobrevivência, qualidade dada ao homem em alto grau. Eu via como os nossos cavalos se esgotavam e faleciam. Os cavalos não se distinguiam em nada das pessoas. Faleciam por causa do norte, do trabalho além das suas forças, da comida ruim, das sovas, e, embora tudo isso fosse dado a eles mil vezes menos do que às pessoas, faleciam antes. Então eu compreendi o principal: o ser humano tornou-se ser humano não porque é uma criatura de Deus e não porque tem um polegar em cada mão, mas porque é fisicamente mais forte, mais resistente do que todos os animais e, depois, porque conseguiu colocar o seu princípio espiritual ao serviço de seu princípio físico.

As experiências limite quando não nos aniquilam, permitem-nos aceder a um conhecimento essencial. Essas experiências não são passiveis de se aprenderem nos livros e quando se tornam nossas e a elas sobrevivemos, estamos preparados para construir uma sabedoria fundamental sobre e para a vida.

São experiências capitais na medida em que não nos limitamos a vivê-las, mas nos transformaram de modo decisivo. Só percebemos o que é decisivo quando nos confrontamos com aqueles momentos a partir dos quais a nossa vida nunca mais será a mesma.

O filósofo Emil Cioran alertava-nos que não passamos de um interlúdio entre um antes e um depois, onde o humano não pertence. Neste lapso de tempo em que existimos e habitamos a terra temos algumas obrigações fundamentais. As grandes questões, não encontram respostas em grandes teorias, proclamações ou ideias, mas em coisas simples

como a nossa relação com a terra, os nossos, a nossa comunidade e os outros. As pequenas grandes coisas.

O que somos, a nossa identidade, não é uma mera narrativa ou algo fluido, mas os lugares e as pessoas a que pertencemos, a ideia que temos do nosso futuro e do que queremos legar, aquilo pelo qual valeu a pena a nossa passagem por este mundo.

Avançamos na tecnologia, mas na política e na ética, se por vezes avançamos, também recuamos. Saber viver é uma aprendizagem sempre retomada, que cada um tem que percorrer de novo.

A nossa relação connosco, com a nossa terra e a nossa comunidade implica colher algumas lições e praticá-las. Um saber simples e essencial é a mais eficaz das armas. Lições simples como aquela que nos diz que não somos nada, mas esse nada, é um nada que é tudo.

Trilhos (des)animados

LUÍS COSTA

I.

Lembro-me,
Não foi há muitos anos,
Mas parece que foi há séculos,
A velha Laurinda tinha cabeça de erva
E caminhava,
Do fundo do barroco até à aldeia
Levando o alimento para os seus animais.

Essa imagem agora é simplesmente pitoresca,
Olha, uma mulher com cabeça de erva!
Reduzida a símbolo indolente de arcaísmo,
Como se não houvesse mais nada pelo meio
Como se não se tivéssemos podido seguir outros trilhos.

Esse silencioso caminho pelos sendeiros da necessidade
Com íntegros tamancos
Ou com palma do pé em forma de sola
Foi hoje substituído por uma simbologia descarnada:
O ambiente, a biodiversidade, a sustentabildiade,
O pedestrianismo, as espécies em risco, a pegada de carbono, etc. etc.

Esperem, e o que dizer das caras placidamente tontas,
dos sorrisos seráficos (ai que linda esta paisagem)
da roupa de cor caqui e das botas apropriadas?
Ahhhhhhhhhh!

II.

Como chegámos até aqui?
Mentalizámos em excesso a paisagem?
Terá também sido culpa do Guilherme Goethe?
Deixámos o capitalismo industrial tomar conta do mundo?
O engenho humano não podia ter sido menos unívoco?
A pobreza rural não podia ter sido superada in situ?

Parece agora que a tradição afinal não valeu de nada
Para assegurar a continuidade da civilização agrícola…
Tanta etnografia para nada, ora bolas.

Cvilità contadina, assim dizias, não era?
Pier-Paolo Pasolini, porque te abandonaram?
Porque tu que procuraste
um caminho entre conservar e comungar não foste bem ouvido?
Porque te deixaram sozinho a clamar no deserto?
Terá também sido culpa do Hegel e dos seus herdeiros dialéticos?

Vox clamantis in deserto parate viam Domini
Rectas facite in solitudine semitas Dei nostri
Omnis vallis exaltabitur et omnis mons et collis humiliabitur
Et erunt prava in directa et aspera in vias planas

Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o caminho do Senhor;
Endireitai no ermo uma estrada para o nosso Deus.
Todo vale será levantado, e será abatido todo monte e todo outeiro;
E o terreno acidentado será nivelado, e o que é escabroso, aplanado.

E Deus deixou que tudo acontecesse
Tal e qual aconteceu
Como Deus sempre deixou,
Pois aos Homens cabe o arbítrio
E Ele lá em cima quanto muito julga
Com palavras enigmáticas,
Essas que os pobres curas transmutam
Em monótonas ladainhas,
Belas e inconsequentes.

III.

O crepitar do fogo arrasador ouve-se ao longe,
Uma densa névoa musgo-verde começa a brotar do chão
E sobe até ao céu.

Sinto um leve cheiro a enxofre que se vai ampliando
E tento, de novo, sair do estado de catarse, mas em vão.

Nesse estado, uma parte de mim quis que tudo fosse arrasado
Que este fogo fosse o necessário castigo
Do qual só poderá sair sensatez renovada e limpa.
Mas não posso ir por aí.

Pensemos melhor: este fogo é um resultado de uma equação implacável:
Abandono, consumismo, ócio, desrespeito, indiferença.
É pois um incêndio de características morais.
E este mesmo incêndio tem culpados, mesmo que sejam ignotos.
A este propósito, lembro-me do incêndio de Roma, de Nero e do velho Tácito,
Esse que tentou explicar o inexplicável,
Para que a culpa não morresse solteira:

Apesar de todos os esforços humanos, da liberalidade do imperador
E dos sacrifícios oferecidos aos deuses,
Nada bastava para apartar as suspeitas
Nem para destruir a crença de que o fogo havia sido ordenado.
Portanto para destruir esse rumor,
Nero fez aparecer como culpados os cristãos,
Uma gente odiada por todos por suas abominações,
E os castigou com mui refinada crueldade.

IV.

A Laurinda já morreu há uns bons anos,
Durante a sua vida só houve um grande incêndio na sua aldeia
E esse aconteceu uns dois anos antes do seu finamento.
Como se fosse paralelo ao seu próprio envelhecimento.
Um sinal, um prenúncio de que depois dela nada seria como dantes.

E eis que aqui estamos nós,
Os que nos lembramos das Laurindas,
Nós que comemos o pão duro do trabalho árduo
Amassado pelos nossos antepassados.
Nós que fechamos os olhos
E ainda conseguimos ouvir
Aqueles velhos ritmos entrelaçados entre paisagem e labor.

Nós, sem bandeira, sem arrogância, sem utopia.
Nós, no silêncio das decisões individuais.

Não nos resta mais do que isso.
Decidir ir para ali em vez de para acolá.